

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA,
ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o | s | e | s | p |

Orquestra
Sinfônica do
Estado de
São Paulo

Temporada 2024
Osesp 70 anos

1, 2 e 3
de agosto

1 DE AGOSTO, QUINTA-FEIRA, 20H30

2 DE AGOSTO, SEXTA-FEIRA, 20H30

3 DE AGOSTO, SÁBADO, 16H30

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

GIANCARLO GUERRERO REGENTE

PACHO FLORES TROMPETE

ADOLPHUS HAILSTORK [1941]

An American port of call [UM PORTO DE ESCALA AMERICANO] [1985] [ESTREIA BRASILEIRA]

10 MINUTOS

PACHO FLORES [1981]

Morocota [2019] [ESTREIA BRASILEIRA]

5 MINUTOS

ARTURO MÁRQUEZ [1950]

Concierto de otoño [CONCERTO DE OUTONO] [2018] [ESTREIA BRASILEIRA]

1. Son de luz
2. Balada de floripondios
3. Conga de flores

20 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

AARON COPLAND [1900-1990]

Sinfonia nº 3 [1944-1946]

1. Molto moderato
2. Allegro molto
3. Andantino quasi allegretto
4. Molto deliberato - fanfare

43 MINUTOS

ADOLPHUS HAILSTORK

ROCHESTER, EUA, 1941

An American port of call [UM PORTO DE ESCALA AMERICANO] [1985]

[ESTREIA BRASILEIRA]

Orquestração: piccolo, 3 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 3 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão (bumbo, pratos, prato suspenso, tambor-militar, triângulo, tam-tam, glockenspiel, xilofone, bloco de madeira, chicote, gongos), piano e cordas.

“Não conte para ninguém a cor da minha pele antes de tocar minha música”, pediu em entrevista recente o compositor Adolphus Cunningham Hailstork III, cuja formação musical é bastante sólida. No início dos anos 1960, estudou composição com Mark Fax na Universidade Howard em Washington, uma instituição privada historicamente dedicada à pesquisa de temáticas afro-americanas. No verão de 1963, foi para a França estudar no Conservatório Americano de Fontainebleau com Nadia Boulanger, que, segundo o jornalista João Marcos Coelho, foi a “professora que ensinou todo mundo que importa no século xx. De Piazzolla a Philip Glass, de Copland a Bernstein, de Almeida Prado a Egberto Gismonti”. De volta à América, graduou-se na Escola de Música de Manhattan [1965], logo engatando um mestrado [1966] na mesma instituição e, posteriormente, obtendo seu doutorado em composição na Universidade Estadual de Michigan [1971], onde começou uma importante carreira docente. Em 1977, foi nomeado professor de música e compositor em residência da Universidade Estadual de Norfolk (Virgínia), uma das diversas instituições estabelecidas nos EUA antes da Lei dos Direitos Civis de 1964 e que, portanto, era destinada primariamente a estudantes negros. Hoje, Hailstork é também Professor Emérito na Universidade Old Dominion, em Norfolk, instituição pública que forma em sua maior parte estudantes não-tradicionais¹.

A apenas 30 km de Norfolk está Virginia Beach, cidade litorânea onde Hailstork vive. Autor prolífico, seu catálogo compreende mais de 300 obras em diversos gêneros, de voz solista a ópera e de piano solo a banda. Vivendo em uma cidade com muitos quilômetros de praias, é de se imaginar que encontre inspiração caminhando; pelo menos esse parece ser o caso de *An American port of call*, sua peça mais conhecida.

Escrita para a Sinfônica da Virgínia, em 1985, e diretamente inspirada por um dos maiores portos dos EUA, “a porta de entrada mais moderna para a América”, a obra de Hailstork é música que transmite empolgação. O resumo é do próprio compositor: “É uma abertura de concerto que captura a energia estridente (e ocasionalmente misteriosa) do movimentado porto de Norfolk, Virgínia, onde moro”.



Norfolk, na Virgínia.

Se o ouvinte já esteve em um grande porto, pode imaginar o que o aguarda. Toda a urgência do ambiente está representada através de diferentes temas musicais que se movem alternadamente, muitas vezes se entrelaçando. Como em todo porto, também há espaço para algumas passagens mais nostálgicas, como se o barco que leva nosso ente querido partisse para longe.

Aos 83 anos, Hailstork continua sendo um dos compositores norte-americanos mais atuantes e premiados de sua geração. Mas é intrigante que ele mesmo se autodenomine uma “curiosidade histórica” no universo da música clássica. Será pelo fato de ser negro? Questionado sobre a representação dos negros na música clássica sua resposta foi direta: “A solução é programar mais compositores negros e isso passa necessariamente pelos diretores artísticos e maestros”. Questões sobre desigualdade de raça estão na agenda do universo da música clássica hoje em dia, mas certamente ainda há muito a fazer. É só ouvirmos o que é programado e olharmos ao nosso redor nas salas de concerto mundo afora.

MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO

É médico pneumologista e doutor em medicina pela Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina. Como pesquisador musical publicou, entre outros livros, *Shnittke: música para todos os tempos*; *Sons por detrás da cortina: música no Leste Europeu durante a Guerra Fria* e *Paul Hindemith: música por inteiro*.

¹ O estudante não tradicional geralmente é mais velho, cursa o Ensino Médio em escola menos conhecida, matricula-se em disciplinas ofertadas em apenas um horário, trabalha antes de conseguir entrar em um curso superior, é economicamente independente e geralmente possui dependentes. Parcela significativa dos estudantes universitários em todo o mundo, o estudante não tradicional muitas vezes precisa de um olhar diferenciado da sua instituição de ensino para que suas necessidades acadêmicas sejam cumpridas.

PACHO FLORES

SAN CRISTÓBAL, VENEZUELA, 1981

Morocota [2019] [ESTREIA BRASILEIRA]

Orquestração: trompete solista e cordas.

Estimulado pelo pai (também trompetista) Francisco Flores Díaz, “Pacho” começou a estudar música aos oito anos e é egresso do *El Sistema*, um dos mais bem-sucedidos métodos de educação musical do mundo, criado pelo economista e músico José Antonio Abreu em 1975. Pacho foi aluno de Orlando Paredes e Eduardo Manzanilla, em Caracas, e de Éric Aubier, em Paris, e ganhou os mais importantes concursos internacionais para seu instrumento, incluindo o prestigiadíssimo Maurice André, competição criada em homenagem a um dos trompetistas mais importantes da história da música de concerto.

O trompetista Pacho Flores pertence a uma geração de solistas que, além de referências mundiais em seus instrumentos, se arriscam com igual sucesso na composição, como os pianistas Fazil Say e Gabriela Montero ou o clarinetista Jörg Widmann, também frequentadores da Sala São Paulo.

Originalmente escrita para trompete, violão, *cuatro*² e contrabaixo, *Morocota* é uma singela valsa, cuja melodia o ouvinte sai cantarolando ao final do concerto. Dedicada à sua mãe, o título faz menção a uma brincadeira de família. Na história venezuelana, morocota foi uma moeda de ouro cunhada nos EUA e que circulou durante o século XIX e início do XX. Seu valor nominal de US\$ 20 era um verdadeiro “tesouro” para boa parte dos venezuelanos, daí a forma como Pacho e *su mamacita* se tratavam carinhosamente: morocota. Também em sua versão para trompete e orquestra⁵ predomina a atmosfera nostálgica sobre o caráter dançante da valsa, com o solista conduzindo a bela melodia enquanto é acompanhado por uma orquestração simples, mas que segue à risca um conselho que Pacho recebeu de seu pai: “Música é música. Não tem fronteiras. Toque Piazzolla ou Tchaikovsky, mas sempre o faça da forma mais bela que conseguir”.

MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO

² Da família do violão, o *cuatro* possui quatro cordas e é muito utilizado em músicas populares venezuelanas e colombianas.

⁵ Há versões para trompete e violão, trompete e piano ou trompete e cordas.

ARTURO MÁRQUEZ

ÁLAMOS, MÉXICO, 1950

Concierto de otoño [CONCERTO DE OUTONO] [2018]

[ESTREIA BRASILEIRA]

Orquestração: piccolo, 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, fagote, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão (caixa, claves, congas, 2 pratos suspensos, prato a2, pandeiro, reco-reco, pratos, campanas, maracas, xilofone) e cordas.

Assim como *Finlândia* de Sibelius está para a música de seu país, *Danzón n.º 2* também funciona como um oficioso hino mexicano, o que faz de Arturo Márquez o compositor nacional mais importante de sua geração. Desde pequeno, Márquez conviveu com música. Seu pai era carpinteiro, mas tocava violino em um grupo *mariachi*⁴, além de formar junto ao avô de Arturo (violão) e tios (flauta e contrabaixo) um conjunto que animava as festividades populares tão frequentes no México. Aos 16 anos, Márquez começou seus estudos formais em música clássica, optando pelo piano (Conservatório Nacional de Música, entre 1970 e 1975) e pela composição (Instituto de Belas Artes do México, a partir de 1976), tendo aulas com Joaquín Gutiérrez Heras, Hector Quintanar e Federico Ibarra. Graças a uma bolsa de estudos do governo francês, foi para Paris estudar com Jacques Castérède e, posteriormente, se aprimorou no Instituto de Artes da Califórnia, com Morton Subotnick e James Newton, incorporando à latinidade de suas composições elementos do jazz e da música contemporânea, como ocorre em *Son a Tamayo* para harpa, percussão e fita pré-gravada [1992].

Em 1994, a Filarmônica da Universidade Nacional Autônoma do México (a orquestra nacional mais antiga do país) encomendou a Márquez a hoje célebre *Danzón n.º 2*, inspirada por um tipo de dança cubana lenta e sincopada que chegou ao México pelo movimentado porto de Veracruz e que caiu no gosto dos mexicanos. A obra abriu as portas das salas de concerto de todo o mundo para Márquez, que passou a receber convites para diversas encomendas.

O *Concierto de otoño* faz parte de um projeto pessoal do trompetista Pacho Flores cujo objetivo é aumentar o repertório para seu instrumento e foi fruto de uma encomenda conjunta de quatro orquestras diferentes: a Sinfônica Nacional do México (responsável pela estreia mundial), a Sinfônica de Tucson (EUA), a Orquestra do Centro de Artes Performáticas de Hyogo (Japão) e a Filarmônica de Oviedo (Espanha). A estreia ocorreu em concerto de 9 de se-

⁴ Gênero musical popular típico do México. Originalmente os grupos eram formados por dois violinos, uma pequena harpa e um pequeno violão de cinco cordas. Com o passar do tempo foram incorporados outros tipos de violão, além de trompetes.



Ouçã o álbum *Estirpe* [2022], de Pacho Flores.



tembro de 2018 com regência de Carlos Miguel Prieto e está disponível para *streaming*.

Nas notas de concerto o próprio Márquez escreveu: “O trompete representa a alma do México e está presente em praticamente todas as nossas expressões musicais. É o grito de alegria e o lamento de tristeza. Meu *Concerto de outono* é uma tentativa de reconciliar todas essas sensações e estados da alma”.

Estruturado em três movimentos, esse concerto está fadado a se tornar um clássico do repertório para trompete e orquestra. Ao solista, se não bastassem as dificuldades técnicas impostas pela qualidade da escrita musical, cabe ainda mudar de instrumento ao longo da execução, pois cada movimento foi pensado para um membro diferente da família dos trompetes. O primeiro movimento, “Son de Luz”, é em forma-sonata. Após uma breve introdução da orquestra, o trompete (em Dó) entra de forma heroica, quase cinematográfica e, à medida que esse diálogo entre solista e *tutti* orquestral vai se desenvolvendo, pequenas incursões dos metais e do naipe de percussão vão tornando a música cada vez mais eletrizante.

Para Márquez, o segundo movimento, “Balada de floripondios”⁴, “é uma canção sem palavras, um tributo ao amor”, já para Pacho Flores é uma “espécie de *danzón* em forma de chacona”. É muito bonito o contraste de timbres ao longo do movimento. Inicialmente o *flugelhorn*, trompete de campana mais longa e aberta e de timbre suave, conduz a dança lírica a que o trompetista se refere e, na medida em que os instrumentos de percussão vão aumentando a intensidade rítmica, volta o *cornet* (pistom), mais compacto e de sonoridade menos aguda que o trompete.

“Conga de flores” é o movimento final e uma homenagem pessoal do compositor a Pacho Flores: “Uma tentativa absurda de um rondó monotemático”. A conga⁵ é uma dança sensual, o que torna o final do *Concierto de otoño* uma experiência arrebatadora. A escrita para o trompete (em Ré) é virtuosística, levando o ouvinte a um festivo baile. O ritmo é contagiante, e uma vez mais o naipe de percussão é essencial (atenção ao xilofone) ao preparar a atmosfera para a cadência final. Cuidado para não sair dançando!

MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO

⁴Um tipo de flor (conhecida no Brasil como trombeta de anjo) cujo formato lembra (remotamente) a campana de um trompete.

⁵Dança afro-cubana em sua origem, em compasso binário e caracterizada por uma frase rítmica de dois compassos continuamente repetida e uma síncope que antecipa o segundo tempo (Dicionário Grove de Música. Rio de Janeiro: Zahar, 1994).

AARON COPLAND

NOVA YORK, EUA, 1900 – NORTH TARRYTOWN, EUA, 1990

Sinfonia nº 3 [1944-1946]

Orquestração: piccolo, 4 flautas, 3 oboés, corne-inglês, 2 clarinetes, requinta, clarone, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 4 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão (bumbo, pratos, prato az, tambor-militar, caixas, triângulo, tam-tam, glockenspiel, xilofone, campanas, blocos de madeira, chicote, matraca, claves, bigorna), piano, celesta, 2 harpas e cordas.

Se Aaron Copland fosse um barco a navegar pelo Atlântico, as correntes da música clássica do século XX certamente o levariam a portos diferentes. Nos EUA, ele é reverenciado como o “pai fundador” da música contemporânea de seu país. Na América do Sul, seu nome está intimamente ligado a dois dos mais importantes compositores do continente, o brasileiro Camargo Guarnieri e o argentino Alberto Ginastera, que foram seus alunos. Enquanto na Europa, Copland é considerado um “romântico que acreditava que a música norte-americana teria a obrigação de expressar a essência da América”⁶.

Esse *new yorker*, filho de emigrantes russos de família judaica — o nome original da família era Kaplan —, começou seus estudos musicais com o conservador Rubin Goldmark, compositor nacionalista cujas obras caíram no ostracismo. Insatisfeito com o desenrolar dos fatos, Copland passou a juntar dinheiro e, em 1921, foi para a França estudar com Nadia Boulanger no Conservatório Americano de Fontainebleau. A partir daí sua vida nunca mais foi a mesma. Boulanger não apenas reforçou a vocação de Copland como compositor, mas lhe apresentou a música de Ravel, do Grupo dos Seis⁷ e, sobretudo, de Stravinsky, cuja complexidade rítmica e cuja dissonância desconcertante cativaram o jovem pupilo.

Em 1924, retornou aos EUA com aura de modernista e disposto a apresentar suas composições. Em janeiro do ano seguinte, Walter Damrosch, o maestro que regeu a estreia de sua *Sinfonia para órgão e orquestra*⁸ (dedicada a Boulanger), apresentou o jovem compositor à plateia sem meias-palavras: “Se aos 23 anos ele compôs uma sinfonia como essa, pode ser que em cinco anos seja capaz de cometer um crime!”. Essa bagagem sonora trazida de Paris, combinando o “neoclassicismo” de Stravinsky a elementos de jazz, deu origem a partituras muito interessantes, como *Música para teatro* [1925], *Ode sinfônica* [1929] ou *Sinfonia da dança* [1930].

⁶Colin Wilson on Music. Londres: Pan Piper, 1967.

⁷Grupo formado na década de 1920 em Montparnasse, Paris, pelos compositores Georges Auric [1899-1985], Louis Durey [1888-1979], Arthur Honegger [1892-1955], Darius Milhaud [1892-1974], Francis Poulenc [1899-1965] e Germaine Tailleferre [1892-1985]. [Nota da Editora]

⁸Retrabalhada posteriormente sem o órgão como sua *Sinfonia nº 1*.



Irving Fine, Aaron Copland, Nadia Boulanger e Walter Piston, no restaurante Old France, em Boston, 1945.

⁹Sua *Sinfonia n.º 2*, composta entre 1932 e 1933.

¹⁰Programa econômico implementado pelo presidente Franklin D. Roosevelt para recuperar a economia americana após a quebra da bolsa de valores de Nova York.

¹¹Enquanto esteve vivo, o maestro Serge Koussevitzky [1874-1951] e sua Orquestra Sinfônica de Boston foram um dos maiores defensores da música contemporânea.

Nos anos 1930, suas obras se tornam mais austeras (*Sinfonia breve*⁹), enquanto explorava outra faceta muito importante de sua carreira, a de educador (com os cursos em Tanglewood) e escritor. Entre 1939 e 1960, Copland usou todo o seu livre-pensamento como artista para escrever quatro obras seminais: *Our new music* [Nosssa nova música], *Music and imagination* [Música e imaginação], a coletânea de ensaios *Copland on music* [Copland sobre música] e *What to listen for in music*. Este último tem uma excelente tradução para o português, *Como ouvir e entender música*, e é “um livro para preparar para ouvir”, nas palavras do autor.

Os biógrafos do compositor comentam que suas obras mais conhecidas foram concebidas após o programa econômico do *New Deal*¹⁰ [1933-1937], quando defendia uma aproximação maior entre compositor e sociedade. Para Copland, “arte e indústria devem coexistir, mas deve ficar claro a todos o valor intangível de uma personalidade criativa”. Em 1940, o *New Deal* era um sucesso, a economia se encontrava no mesmo patamar que antes da Crise de 1929, e seus balés revisitando o imaginário do velho oeste norte-americano *Billy the kid* [1940], *Rodeio* [1942] e *Appalachian springs* [1944], além da *Fanfarrã para o homem comum* [1942], caíram no gosto popular.

A *Sinfonia n.º 3* pertence à chamada “fase madura” de Copland, uma síntese de seu estilo mais abstrato justaposto ao colorido orquestral de seus “balés de cowboy”. O compositor trabalhou na obra entre julho de 1944 e setembro de 1946 para responder a uma encomenda feita pela Fundação Musical Koussevitzky¹¹ e criou sua obra mais ambiciosa, idealizada para grande orquestra com naipe reforçado de madeiras, metais, duas harpas e piano. De uma forma geral, Copland fez dessa sinfonia “um arco musical, em que a parte central (segundo movimento) é a mais animada e o movimento final é uma coda estendida que apresenta uma versão ampliada do material de abertura”.

¹²Dia 6 de junho de 1944, data que marca o início da derrocada nazista na Segunda Guerra Mundial, após a retomada de parte da Normandia pelos aliados.

Apesar de Copland afirmar não haver intenções programáticas por trás da música e que “quaisquer referências ao jazz ou à música folclórica seriam totalmente inconscientes”, o tom afirmativo expressa otimismo, o que segundo o próprio compositor corresponderia aos seus sentimentos à época. Cerca de um mês separaram o Dia D¹² do início dos trabalhos na sinfonia, e enquanto a música era composta os aliados caminhavam para a vitória. Com o fim da Segunda Guerra Mundial esperava-se de compositores americanos uma música que fornecesse, acima de tudo, esperança, e Copland foi categórico: a *Sinfonia n.º 3* “está destinada a refletir o espírito eufórico do país naquela época”.

O primeiro movimento, “Molto moderato” (completado em outubro de 1944), é em forma-sonata. É dividido em duas partes, sendo que a primeira contém três temas, todos com motivos simples. O tema inicial é ouvido nos violinos, clarinetas e flauta; um semelhante irá aparecer nos oboés (e nas clarinetas); e finalmente um de caráter mais amplo e severo é entoado pelos trombones (e pelas trompas). Este último tema dos trombones transmite uma atmosfera mais marcial e conduz a música a um primeiro clímax, que antecede a segunda parte do movimento, na qual os dois primeiros temas são recombinaados e novamente desenvolvidos pela orquestra de forma mais enérgica. Um novo clímax precede a *coda*, escrita a partir de variações dos dois primeiros temas e que se encerra de forma serena.

O estrondo dos tímpanos anuncia o “Allegro molto” (terminado em janeiro de 1945), movimento que funciona como um scherzo. Os metais são responsáveis pelo tema principal do movimento e o ritmo é vertiginoso. A parte central do movimento é lírica, quase pastoral. A primeira seção do movimento é retomada de forma exuberante antes de ser concluída.

O “Andantino quasi allegretto” (escrito entre o outono de 1945 e julho de 1946) começa de forma contemplativa, destacando-se o som da flauta. Nas palavras de Copland, a melodia “oferece substrato temático para as variações que se seguem, inicialmente de forma nostálgica, depois mais rápidas, como uma dança, e finalmente de forma vigorosa e enérgica”. Essas variações são “emolduradas por aquele tema dos trombones ouvido no primeiro movimento, e que retorna aqui de modo *pianíssimo* nos primeiros violinos”.

Ao “Andantino” se segue sem interrupção o *finale* (completado em julho de 1946). O material temático vem de uma obra emblemática de Copland, a *Fanfarra para o homem comum*, terminada quatro anos antes e pertencente a uma série de encomendas da Sinfônica de Cincinnati com o objetivo de elevar a moral da população durante a Segunda Guerra Mundial. Mas a fanfarra não foi incorporada *ipsis litteris*. Há sutis alterações, como o acréscimo de uma introdução, modificações na instrumentação e a parte da percussão. Na seção seguinte, uma densa melodia nas cordas vai ganhando aos poucos toda a orquestra. O tema da fanfarra reaparece seguido de um lírico interlúdio entre diferentes seções da orquestra. Gradualmente, todo o conjunto ressurgue conduzindo a obra para seu final triunfante a partir da “reformulação maciça da frase de abertura com a qual tudo começou”, segundo descreve o próprio compositor.

Dedicada à memória de Natalie Koussevitzky (esposa do maestro Serge), a obra foi estreada pela Sinfônica de Boston em 18 de outubro de 1946. Agraciada com o Prêmio dos Críticos de Música de Nova York no ano seguinte como a melhor obra orquestral de um compositor americano, Serge Koussevitzky foi categórico: “É a maior sinfonia americana já escrita, atingindo o coração de cada um de nós”. Termina com a opinião do compositor e maestro Leonard Bernstein sobre Copland: “É o melhor que temos”.

MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO

Revisão crítica das notas: **Igor Reis Reyner**.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

A Osesp é um dos grupos sinfônicos mais expressivos da América Latina. Com 13 turnês internacionais e quatro turnês nacionais realizadas, uma centena de álbuns gravados e uma média de 120 apresentações por temporada, vem alterando a paisagem musical do país e pavimentando uma sólida trajetória dentro e fora do Brasil, obtendo o reconhecimento de revistas especializadas, como *Gramophone* e *Diapason*, e relevantes prêmios, como o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Clássica de 2007. A Osesp se destacou ao participar de três dos mais importantes festivais de verão europeus, em 2016, ao se tornar a primeira orquestra profissional latino-americana a se apresentar em turnê pela China, em 2019, e ao estreiar, em 2022, no Carnegie Hall, em Nova York, na série oficial de assinatura da casa. Desde 2020, Thierry Fischer ocupa os cargos de diretor musical e regente titular, antes ocupados por Marin Alsop [2012–19], Yan Pascal Tortelier [2010–11], John Neschling [1997–2009], Eleazar de Carvalho [1973–96], Bruno Roccella [1963–67] e Souza Lima [1953]. A Osesp também abrange corpos artísticos e projetos sociais e de formação, como os Coros Sinfônico, Juvenil e Infantil, a Academia de Música, o Selo Digital, a Editora da Osesp e o Descubra a Orquestra. Fundada em 1954, a Orquestra passou por reestruturação entre 1997–99, e, desde 2005, é gerida pela Fundação Osesp.



GIANCARLO GUERRERO REGENTE

Seis vezes vencedor do Grammy e Diretor Musical da Sinfônica de Nashville e da Filarmônica de Wrocław (Polônia), Guerrero nasceu na Nicarágua, imigrando ainda na infância para a Costa Rica. Posteriormente, estudou Percussão e Regência na Baylor University e obteve seu mestrado em Regência na Northwestern, ambas nos Estados Unidos. Ao longo de sua carreira, apresentou-se junto a importantes orquestras norte-americanas, como as de Baltimore, Dallas, Los Angeles, Filadélfia, Seattle e a Sinfônica Nacional (Washington), além de atuar com diversos grupos europeus, como a Sinfônica da Rádio de Frankfurt e as Filarmônicas de Londres, da Rádio França e da Holanda. Em 2019, recebeu a honraria de ser orador na Conferência da Liga de Orquestras Americanas. Na temporada 2023-2024, Guerrero retorna à Sinfônica de Chicago, em concerto conjunto com Wynton Marsalis e The Jazz at Lincoln Center, às Sinfônicas da Nova Zelândia e de Bilbao, à Filarmônica de Bruxelas, à Orquestra Gulbenkian, à Orquestra Cívica de Chicago e à própria Osesp, da qual é convidado frequente.



PACHO FLORES TROMPETE

Premiado no “Maurice André”, o mais importante concurso de trompetistas do mundo, Pacho Flores recebeu ainda distinções no Prêmio Philip Jones, da Royal Philharmonic Society, e no Concurso Internacional “Cittá di Porcia”. Foi trompete principal na Sinfônica Simón Bolívar da Venezuela, na Orquestra Saito Kinen do Japão e na Sinfônica de Miami. Atuando como solista, já se apresentou em importantes casas de concerto, como o Carnegie Hall em Nova York, a Sala Pleyel em Paris e a Opera City em Tóquio. Atuou em conjunto com as Sinfônicas de Tóquio e de Düsseldorf, as Filarmônicas de Kiev, Osaka e do Ártico, a Camerata de São Petersburgo, o Conjunto Orquestral de Paris, a Orquestra da Guarda Republicana e a Orquestra NHK do Japão. Como membro fundador do Quinteto de Metais Simón Bolívar, participou de turnês pela Europa e América do Sul e pelos Estados Unidos e Japão. É diretor fundador da Academia Latino-Americana de Trompete na Venezuela. Artista da família Stomvi, toca instrumentos especialmente fabricados para ele por esta renomada firma. É artista exclusivo da Deutsche Grammophon.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS
YURIY RAKEVICH SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS
ADRIAN PETRUTIU SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS
AMANDA MARTINS SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS
IGOR SARUDIANSKY CONCERTINO – PRIMEIROS VIOLINOS
MATTHEW THORPE CONCERTINO – SEGUNDOS VIOLINOS
ALEXEY CHASHNIKOV
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSEY
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA
FELIPE CHAGA**

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER SOLISTA | EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON CONCERTINO
PETER PAS CONCERTINO
ANDRÉ RODRIGUES
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
GIOVANNI MELO**
KINDA SALGADO**

VIOLONCELOS

KIM BAK DINITZEN*** SOLISTA
HELOISA MEIRELLES CONCERTINO
RODRIGO ANDRADE CONCERTINO
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
ISRAEL MARINHO**
SAMUEL DA SILVA**

CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES SOLISTA
PEDRO GADELHA SOLISTA
MARCO DELESTRE CONCERTINO
MAX EBERT FILHO CONCERTINO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS
ANTONIO DOMICIANO**

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO SOLISTA
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS
SÁVIO ARAÚJO
BRUNO MIRANDA**

OBOÉS

ARCADIO MINCZUK SOLISTA
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE-INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA
MARCELO VILARTA***

CLARINETES

OVANIR BUOSI SOLISTA
SÉRGIO BURGANI SOLISTA
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS REQUINTA
GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO SOLISTA
JOSÉ ARION LIÑAREZ SOLISTA
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA
LÍRIS MACHADO**

TROMPAS

LUIZ GARCIA SOLISTA
ANDRÉ GONÇALVES
DANIEL FILHO***
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA SOLISTA
ANTONIO CARLOS LOPES JR.* SOLISTA
MARCOS MOTTA UTILITY
MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI SOLISTA
WAGNER POLISTCHUK SOLISTA
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO

DARRIN COLEMAN MILLING SOLISTA

TUBA

FILIPE QUEIRÓS SOLISTA

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE SOLISTA | EMÉRITA
RICARDO BOLOGNA SOLISTA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
RUBÉN ZÚÑIGA

HARPA

LIUBA KLEVTSOVA SOLISTA

CONVIDADOS DESTE PROGRAMA

ELIZABETH FAYETTE SPALLA
RENAN OLIVEIRA VIOLINO
ROBINHO CARMO VIOLINO
SAMUEL DIAS VIOLINO
ALLAN SANTOS TROMPETE
DANIEL LEAL TROMPETE
EDUARDO GIANESSELLA PERCUSSÃO
SOLEDAD YAYA HARPA
CECILIA MOITA PIANO
ARIÁ YAMANAKA CELESTA

* CARGO INTERINO

** ACADEMISTA DA OSESP

*** CARGO TEMPORÁRIO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA,
POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PEDRO PULLEN PARENTE PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI VICE-PRESIDENTE
ANA CARLA ABRÃO COSTA
CÉLIA KOCHEN PARNES
CLAUDIA NASCIMENTO
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
MÔNICA WALDVOGEL
NEY VASCONCELOS
PAULO CEZAR ARAGÃO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO PRESIDENTE
CELSON LAFER
FÁBIO COLLETI BARBOSA
HORACIO LAFER PIVA
PEDRO MOREIRA SALLES

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

SUPERINTENDENTE GERAL
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING
MARIANA STANISCI

GERENTE DE COMUNICAÇÃO
MARIANA GARCIA

ANALISTA DE PUBLICAÇÕES
JÉSSICA CRISTINA JARDIM

DESIGNERS
BERNARD BATISTA
BERNARDO CINTRA
ANA CLARA BRAIT

+ WWW.FUNDAÇÃO-OSESP.ART.BR/EQUIPE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
TARCÍSIO DE FREITAS

VICE-GOVERNADOR
FELICIO RAMUTH

SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

SECRETÁRIA DE ESTADO
MARILIA MARTON

SECRETÁRIO EXECUTIVO
MARCELO HENRIQUE ASSIS

CHEFE DE GABINETE
DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO
DOS CONTRATOS DE GESTÃO
GISELA COLAÇO GERALDI

COORDENADORA DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL,
BIBLIOTECAS E LEITURA
ADRIANE FREITAG DAVID

Próximos concertos

10 DE AGOSTO

PRÉ-TURNÊ EUROPA

OSESP

THIERRY FISCHER REGENTE

ROMAN SIMOVIC VIOLINO

OBRAS DE CAMARGO GUARNIERI, ALBERTO GINASTERA, FRANZ WAXMAN
E JOHANNES BRAHMS.

1 DE SETEMBRO

CORO DA OSESP

PIERRE-FABIEN ROUBATY REGENTE

OBRAS DE JOHANNES BRAHMS, GABRIEL FAURÉ, LILI BOULANGER,
FRANZ SCHUBERT, CAMILLE SAINT-SAËNS E ARTHUR HONEGGER.

5, 6 E 7 DE SETEMBRO

OSESP

SIMONE MENEZES REGENTE

GUIDO SANT'ANNA VIOLINO

OBRAS DE LILI BOULANGER, HEITOR VILLA-LOBOS E ÉDOUARD LALO.



AGENDA COMPLETA E INGRESSOS:

[HTTPS://OSESP.ART.BR/OSESP/PT/CONCERTOS-INGRESSOS](https://osesp.art.br/osesp/pt/concertos-ingressos)

Algumas dicas para aproveitar ainda mais a música



Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.



Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.



Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.



Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

Serviços



Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.



Cafeteria

Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.



Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.



Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos – mediante reserva pelo telefone **(11) 3333-3441**.

OSESP DUAS E TRINTA

Embarque no fim de semana: concertos sexta à tarde na Sala São Paulo por R\$ 39,60.

Série com nove apresentações de março a dezembro
Ingressos em osesp.byinti.com

Acesso à Sala



Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas - no 1º subsolo ou no Hall Principal.



Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.



Acesso Estação Luz

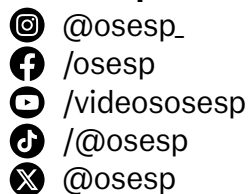
Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP - Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



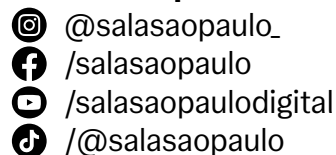
Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:

www.salasaopaulo.art.br/servicos

www.osesp.art.br



www.salasaopaulo.art.br



www.fundacao-osesp.art.br



P. 5 NORFOLK, NA VIRGINIA, EUA. © VISIT NORFOLK

P. 7 CAPA DO DISCO *ESTIRPE*, DE PACHO FLORES. © DIVULGAÇÃO

P. 9 IRVING FINE, AARON COPLAND, NADIA BOULANGER E WALTER PISTON NO RESTAURANTE OLD FRANCE, EM BOSTON, 1945. DOMÍNIO PÚBLICO

P. 13 OSESP. © MARIO DALOIA

P. 14 GIANCARLO GUERRERO. © KURT HEINECKE

P. 15 PACHO FLORES. © JUAN MARTINEZ

A capa deste programa foi criada por uma ferramenta desenvolvida pelo estúdio Polar, Ltda. especialmente para a Osesp. Ela traduz obras musicais em imagens, usando uma paleta de cores, que ganharam nomes de emoções.

Nesta edição, as emoções são Empatia e Amor a partir de um trecho da *Sinfonia nº 3* de Aaron Copland.



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

o | s | e | s | p

Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura

CULT
SP

SP

SÃO
PAULO
GOVERNO
DO ESTADO
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PRONAC: 232471